

Murulhos Tantos

Floryana Breyer

“Vou criar o que me aconteceu, só por que viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei que criar sobre a vida. Criar não é imaginação é correr o grande risco de se ter a realidade.”

Clarisse Lispector em Água viva

Uma estrutura que toca o espaço, suporta o peso de um homem e está passível de desaparecer a qualquer instante. O tempo de um sonho, sonhado junto. Um lapso impresso no Mundo.

“Ancestrais desejos nômades irrompem”¹, é preciso ocupar, percorrer, derivar, murulhar. O teto ultrapassa os limites da casa, do ateliê e descobre-se céu. O corpo expande e descobre-se célula, partícula de um organismo maior, transpessoal, interdependente. A cidade como morada, a morada enquanto corpo.

Murulhos constituem novas territorialidades, inauguram acessos. Estruturas que inscrevem outros tempos, que convidam à experimentação, dialogam com o ambiente que as circunda; estando sua potência nos usos latentes possíveis. Locais de silêncio, plataformas de convívio, de respiro, de descanso.

Murulhos é um projeto em andamento. A escolha do local é fundamental e eixo central do trabalho. Parto de uma afinidade com o espaço e da observação de seu entorno, seus usos recorrentes, seus fluxos e habitantes. O espaço não é meu, é também meu: está no Mundo. Neste sentido não gostaria de tratar do que tenho proposto como intervenção no espaço ou apropriação de espaço, mas como interação e compartilhamento do mesmo: experiências ambientais.

Foram realizados dois Murulhos. O primeiro em novembro de 2004 na cidade de São Paulo em frente a ponte Casa Verde à beira da Marginal Tietê. O segundo em junho de 2005 na cidade de Salvador em meio a viadutos na Fonte Nova. É um trabalho em andamento em vários sentidos, uma vez que mais Murulhos serão inscritos no mundo e que cada um deles têm uma história silenciosa, as vezes registrada nas paredes dos mesmos ou selada em encontros que ali se deram. Escolhi respeitar este tempo, este silêncio, estes segredos íntimos de cada Murulho decidindo não registrar em vídeo os desdobramentos que se seguiram a sua colocação. Mas gostaria ainda de articular as memórias que venho recolhendo de cada um e amplia-las recolhendo outros depoimentos de pessoas que por ali tiverem passado (meu contato é imergir@yahoo.com.br).

Murulhos Tantos são todas estas tentativas juntas, os murmúrios que me chegam, os mergulhos que encaro. As muralhas que afastam, os muros todos e os galhos. Estes projéteis para um Mundo Novo. Um Mundo no qual é permitido sonhar e reinventar os acessos, abrir as portas e passar por entre fendas, descobrindo outros locais, tempos e realidades possíveis.

¹ Jaques, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.